

ROUPAS DE SEDUÇÃO

Talita Trizoli¹

Vera Lúcia Puga²

Resumo

A pesquisa aqui posta apresenta uma análise sucinta da história da prostituta no Ocidente com o auxílio de obras de arte de diversos períodos que as retratem com seus códigos de comportamento e vestir. Pretende-se então definir quais são esses códigos, sua simbologia e uso no processo de sedução (cotidiano) e representação (artes), para compreendermos o arquétipo feminino da prostituta e em como esses valores refletem-se na produção de alguns trabalhos artísticos da autora sobre esse arquétipo (a prostituta).

Palavras-chave: História da mulher, Arquétipos Femininos, História da Arte, Arte Feminista.

Resumé

Cette recherche ici présente une analyse succincte de l'histoire de la prostituée en occident, avec l'aide des oeuvres d'art des différentes périodes qui les décrivent avec leurs codes de comportement et d'habillement. Nous prétendons ainsi définir quels sont ces codes, son symbole, son procédé de séduction (quotidien) et de représentation (art), afin de comprendre l'archétype féminin de la prostituée et comment ces valeurs se répercutent sur la production de certains travaux artistiques de l'auteur.

Mots clés: Histoire de la femme, Archétypes féminins, Histoire de l'Art, Art Féministe.

Sofrerei filha gulosa e muito feia, mas não janeira.³

De Lilith e Eva até Madre Teresa de Calcutá e Madonna, nós homens e mulheres, sempre nos apoiamos em arquétipos para classificar aqueles que nos cercam. Criar modelos é um comportamento típico do ser humano, já que com eles acreditamos ser mais fácil identificar aqueles a nossa volta, e assim, determinarmos seus lugares na sociedade.

Nessa pesquisa, particularmente, há interesse dentre um determinado arquétipo usado para a classificação (consciente ou não) das mulheres em nossa sociedade. A da “prostituta imoral”, que faz um contraponto com a figura da noiva⁴. Esses dois arquétipos representaram e continuam representando não apenas a eterna insegurança masculina frente à “oculta” identidade feminina, mas fazem parte de uma divisão social, muito frágil, aliás, na qual as mulheres são classificadas dentro de uma sociedade patriarcal, repressora e misógina.

¹ Graduanda do oitavo período de Artes Plásticas na Universidade Federal de Uberlândia e orientanda de Iniciação Científica no Projeto Representações artísticas da Noiva, Viúva, Prostituta e Bruxa. Séculos XIX e XXI, sobre a orientação da professora Dra. Vera Lúcia Puga.

² Professora Doutora do Instituto de História, pesquisadora do NEGUEM e editora da Revista Caderno Espaço Feminino da Universidade Federal de Uberlândia.

³ F.R.I.L.E.I., *Adágios e provérbios, rifões e anexins da língua portuguesa*, p.225, *apud* DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, Edunb, 1993, p 100.

⁴ Para uma melhor análise a respeito da figura da noiva, sugere-se a leitura do artigo: TRIZOLI, Talita. *Vestidos de Noivas*. In: CADERNO ESPAÇO FEMININO, V. 16, N. desconhecido. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História. Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS) NEGUEM. (no prelo).

Levando em consideração que a base de nossa sociedade patriarcal teve como modelo a sociedade grega⁵, não fica difícil encontrar os primeiros sinais do pensamento dualista e misógino que caracteriza a representação da sexualidade e identidade feminina e suas respectivas representações sociais.

As mulheres, culturalmente no mundo ocidental possuem duas opções de identidade social: ou castas esposas ou prostitutas disseminadoras de caos e doenças, salvo exceções que se confundem com essas duas figuras. Como muitos ideais gregos, tal concepção ultrapassou séculos no pensamento ocidental, influenciando a sociedade romana, medieval, renascentista, vitoriana e contemporânea. Por mais que o movimento feminista tenha conquistado certos avanços quanto ao comportamento tanto de homens quanto de mulheres, ainda hoje é muito fácil observar comportamentos misóginos em relação à diferença homem e mulher, e tais atitudes vêm de uma cultura, pode-se inclusive dizer milenar, de que os desejos masculinos são grandes, fortes e tem o direito social e moral de serem saciados, enquanto que os desejos das mulheres devem ser reprimidos, discretos, sutis, quase inexistentes.

Surge então uma pergunta muito importante para esse trabalho. Se os rapazes podem e devem saciar seus desejos sexuais, como o farão se suas virginais noivas, namoradas e prometidas devem permanecer castas para o matrimônio e assim gerarem uma prole exclusiva de seu marido (herdeiros) e poderem concentrar-se exclusivamente à família e ao lar? É dessa assertiva que surge a figura da prostituta.

Boas noivas, esposas e mães deveriam ter certas qualidades, todas muitas similares. Primeiro, há a construção da imagem da jovem noiva, pura, virgem, livre de vícios e mazelas, obediente à família, principalmente à autoridade paterna. Depois a esposa, submissa e obediente ao marido, autoridade agora maior dentro do lar. Uma boa esposa deveria ser eficiente nas tarefas domésticas, ou seja, nos gastos com a casa e em sua manutenção, além de dócil e delicada não apenas com o marido, mas perante a sociedade.

Os primeiros indícios de algo que poderia se chamar de prostituição são manifestações sexo-religiosas primitivas, e seus primeiros registros são na Suméria, apesar de ocorrerem em diversos lugares em tempos remotos. Nesses rituais sexuais, sacerdotisas deitavam-se com homens em determinadas épocas festivas. A relação sexual, dentro desse contexto, não vinha como manifestação do desejo masculino ou feminino, ou como um contrato de serviço sexual, mas sim como um casamento ritual, onde fazer sexo com uma sacerdotisa aproximava os mortais do divino, além de muitas vezes selar transições de reinados, já que, o rei, ao deitar-se com a sacerdotisa, deitava-se com os deuses.⁶

Isso não quer dizer que essas primeiras prostitutas, trabalhassem elas nos templos ou nas ruas, fossem marginalizadas como suas companheiras no século XIX, pois apesar de vários manuscritos desaconselharem a união com sacerdotisas-prostitutas devido a sua autonomia sexual e social, essas mulheres ainda possuíam certo respeito devido a sua posição religiosa.

⁵ A sociedade grega estruturou-se no *Pater Familias*, o qual era considerado como única figura pública, com direitos civis. O *Pater Familias* era um homem, sem parentes masculinos mais velhos que pudessem adquirir autoridade, era grego, com propriedades. Essas propriedades estendiam-se de terras, dinheiro, objetos até servos e sua própria família, inclusive a esposa e filhos. O *Pater Familia* tinha voz de vida de morte para esse grupo, e determinava da quantia em dinheiro que receberiam por ano até a quantidade de comida.

⁶ Tais comportamentos remontam a uma época em que os homens cultuavam deusas da fertilidade (Matriarcalismo). Nesse período, as mulheres eram reverenciadas por sua capacidade de procriação, por produzirem leite por eliminarem sangue sem estarem feridas ou mesmo morrerem por isso.

Mas como ocorreu a criação do duplo padrão masculino e como essas sacerdotisas passaram a ser meramente prostitutas pecadoras? A resposta vem da religião dos hebreus, o judaísmo, e que acabara culminando no catolicismo. Apesar das sociedades Egípcias e Mesopotâmica continuarem a venerar o sexo ritual, com o passar do tempo, os ideais patriarcais das tribos hebraicas impôs-se. Mas essas tribos não baniram totalmente a prostituta da sociedade, apesar de todos os seus discursos. E assim criou-se o duplo padrão. “Mulheres procriadoras” dentro de casa e “prostitutas para aliviar os desejos” na rua, mas dessa vez sem os deuses para abençoarem.⁷

Essas idéias tiveram reflexo durante mais de dois mil anos, graças ao catolicismo. De trechos da Bíblia, que as condenavam, a Santo Agostinho que “aceitava” sua necessidade social, as autoridades religiosas nunca as ignoravam e sempre arranjavam uma maneira de alcançá-las, seja para a condenação, o arrependimento, ou para o desfrute de suas funções. Isso quando não as utilizava como fornecedoras de renda.⁸

Na antiga Roma não fora diferente. *Falando de um modo geral, a prostituição na antiga Roma era uma profissão natural, aceita, sem nenhuma vergonha e associada a... mulheres trabalhadoras.*⁹ Dos abusos sexuais em escravos, às altas cortesãs dos senadores romanos, a prostituição na Roma antiga fazia parte do cotidiano de milhares de pessoas. Interessa-nos particularmente a prostituição romana por ela ser uma das primeiras a exigir um código de vestir de suas cortesãs, pelo menos as da classe mais baixa. Elas deveriam vestir-se com um traje especial (deveriam usar uma *toga* masculina ao invés da *stola* feminina), para diferenciarem-se das mulheres respeitáveis. Obviamente que muitas mulheres desobedeciam à norma.

As prostitutas estavam também proibidas de usar a cor púrpura¹⁰, sapatos, jóias e outros acessórios usados pelas esposas gregas. Seu traje deveria ter um padrão floral e eram autorizadas a usar somente sandálias. Os trajes deveriam ser feitos de tecidos diáfanos, transparentes, leves, além do que deveriam usar muita maquiagem e seus cabelos deveriam ser pintados de cores fortes e chamativas, como o vermelho ou o amarelo ouro.

É curioso observar que a padronização da vestimenta da prostituta romana lembra muito o estereótipo de roupa feminina. Flores, tecidos leves, sandálias, cabelos soltos e de cores chamativas fazem parte da vestimenta ideal de uma mulher dentro do imaginário popular. Além do que, as prostitutas romanas foram umas das primeiras mulheres a tingir seus cabelos de loiro, iniciando com isso o fetiche masculino pelas mulheres de cabelos

⁷ Os ritos sexuais extáticos da religião da deusa tornaram-se o “pecado” mais grave; suas sacerdotisas, as mais terríveis “pecadoras”. Esta nova doutrina, que transformou-se em um artigo de fé da religião hebraica, veio a abranger o “mau” comportamento feminino em geral, que os sacerdotes agora rotulavam de “prostituição”. Qualquer mulher poderia se ver vilipendiada, uma vítima do reino do terror moral, se ousasse ter um amante, vestir-se como lhe aprouvesse, adorasse a deusa ou ganhasse sua própria vida sem depender dos homens ou do seu conceito de “moralidade”... As prostitutas eram na verdade as mulheres obstinadas e rebeldes denunciadas pelos profetas do Velho Testamento – o oposto das esposas submissas e domésticas dos hebreus. ROBERTS, Nickie. Tradução de Magda Lopes. *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Record/Editora Rosa dos Ventos, 1998, p 30.

⁸ A prostituição sempre movimentou uma quantidade de dinheiro muito grande, sendo assim, logo reis, governadores e a própria igreja trataram de determinarem impostos para as mulheres e para aqueles que as ajudavam a se prostituir, além de criar casas de ajuda onde essas pecadoras trabalhavam de maneira escrava para se redimirem sua alma.

⁹ ROBERTS, Nickie, op. Cit, p. 61.

¹⁰ Para os romanos, uma cor sagrada, sacerdotal, religiosa. Aqui, as prostitutas já não representavam divindades, e sim o sexo, puro e simples.

iluminados, da cor do sol e do ouro¹¹, dois símbolos muito importantes para o homem romano.

Apesar de todas as normas e todos os discursos eclesiásticos pregados durante séculos, a favor da castidade e contra a sedução das carnes, os camponeses da Idade Média não se preocupavam muito quanto aos perigos espirituais que o sexo poderia vir a acusar. Além do que, o sistema feudal não ajudava muito, pois além de empobrecê-la, permitia que os senhores tivessem relações sexuais com as mulheres de seu feudo, não importando se eram casadas, viúvas ou solteiras, o que praticamente jogava essas mulheres na “velha profissão”. E havia as seguidoras de exércitos, as prostitutas de rua, de bordel, as que atendiam peregrinos, entre tantas outras.

A Idade Média foi o primeiro e o mais rico período histórico no ocidente em que se registraram regras de conduta para a prostituição. A grande necessidade de organização social que a época pedia, aliada ao desespero da igreja de “ajustar” seu enorme rebanho permitiu a criação de leis para a prostituição, não apenas no vestir, de uma variedade interessante. Para nós, interessa-nos a riqueza nos códigos de vestir do período. Já que, “*juntamente com as tentativas de regulamentar o movimento das prostitutas de classe baixa, estava a antiga ilusão de impor códigos de vestuário.*”¹²

Na Londres de 1351 e em Bristol, obrigavam-se as mulheres públicas a andar na rua com um capuz¹³ listrado de tecido fino e com roupas sem enfeites de pele e linho. A relação das prostitutas com os tecidos listrados na Idade Média segue até o renascimento.

No Ocidente medieval são numerosos os indivíduos, reais ou imaginários, a quem a sociedade, a literatura ou a iconografia impõem vestes listradas. Todos esses são, por um ou outro motivo, excluídos ou rejeitados, desde o judeu e o herético até o bufão ou saltimbanco, passando não só pelo leproso, o carrasco ou a prostituta, mas também pelo cavaleiro traidor dos romances da Távola Redonda, pelo insensato do Livro dos Salmos ou pelo personagem de Judas. Todos perturbam ou pervertem a ordem estabelecida; todos têm em maior ou menor grau, algo a ver com o Diabo... O homem da Idade Média parece sentir aversão a todas as estruturas de superfícies que, por não distinguirem claramente a figura e o fundo, confundem a visão do espectador. O olho medieval é particularmente atento à leitura por planos. Toda imagem, toda superfície lhe parece estruturada em espessura, ou seja, como que recortada em camadas.¹⁴

Para o homem medieval, a sobreposição de planos, ou seja, as listras eram sinônimo de confusão mental, sendo assim eles as aplicavam naquilo que era difícil de classificar, que era sinônimo de confusão, e por isso, demoníaco: as prostitutas.

¹¹ O sol está vinculado a Apolo, deus da razão, da sabedoria, da luz, valores relacionados ao masculino. Já o ouro está ligado ao dinheiro, poder e status masculino por excelência. Podem-se relacionar ambos: o sol e o ouro por seu brilho e cor.

¹² ROBERTS, Nickie. *Op cit.*, p, 104.

¹³ Usar um capuz ou um chapéu para ser identificado também acarreta uma forma de proteção psicológica para essas mulheres. *Cobrir a cabeça significa ainda mais do que se tornar invisível: significa desaparecer e morrer... Alguns intérpretes fazem do capuz, bem como do barrete pontudo, um símbolo fálico.* CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 185.

¹⁴ PASTOUREAU, Michel, 1947. *O Pano do Diabo: uma história dos tecidos listrados.* Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.,1993, p. 12 e 13.



[Fig. 01]

Lístras infamantes: três moças destinadas à prostituição por seu pai, salvas por São Nicolau, que joga uma bolsa pela janela de casa.

Atribuída a um discípulo de Giotto. Pintura mural do norte da Itália, cerca de 1340. Igreja de San Domenico, Bolzano.

PASTOUREAU, Michel, 1947. *O Pano do Diabo: uma história dos tecidos listrados*. Tradução de Lucy Magalhães. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro. 1993, p. 26.

Em Leipzig, deveriam usar um casaco amarelo, debruado em azul, em Viena, um xale amarelo em torno dos ombros, Augsburg uma faixa verde em lugar visível, em Bérghamo capas amarelas, Parma capas brancas e Milão capas pretas. O uso obrigatório de casacos, capas, mantos e xales vêm da antiga concepção de que *o traje manifesta o pertencer a uma sociedade*.¹⁵ No caso dessas peças, que cobrem ombros, dorso, ou muitas vezes todo o corpo das prostitutas, sugere-se uma relação com o manto da invisibilidade de algumas lendas celtas e normandas. Eles são símbolos das metamorfoses por efeito de artificios humanos e das personalidades diversas que um homem (mulher) pode assumir. O manto é também... o símbolo daquele que o veste. *Entregar seu manto é dar-se a si mesmo*.¹⁶ Sendo assim, sem essas peças-símbolos, uma mulher deixa de ser prostituta aos olhos dos passantes, transmuta sua identidade, permitindo mudar sua condição desde que mantenha seu passado escondido.

No final do século XII, em Aries, França, as “mulheres da vida” eram identificadas por andarem muitas vezes com a cabeça descoberta¹⁷, pois eram proibidas de usar as toucas e os véus das mulheres honestas, além de terem de usar uma agulheta¹⁸ de cor viva caindo de um dos ombros como sinal de infâmia.¹⁹

¹⁵ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Op cit.*, p. 947.

¹⁶ Ibidem., p. 586. Grifo meu.

¹⁷ Andar com a cabeça descoberta significa estar exposto como indivíduo, já que a cabeça simboliza o eu espiritual. *E como a cabeleira é uma das principais armas da mulher... Um sinal da disponibilidade do desejo de entrega ou da reserva de uma mulher. Maria madalena, na iconografia cristã, é sempre representada com os cabelos longos e soltos, muito mais como um sinal de abandono a Deus, do que como lembrança de sua antiga condição de pecadora*. Ibidem, p. 55.

¹⁸ Agulheta (ê). S.F. 1. Remate metálico dos atacadores (cordão, cadarço), para facilitar o enfiamento em ilhoses e orifícios. 4. Remate metálico em que terminam os cordões de alguns uniformes. FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*, São Paulo: Nova Fronteira, 1994/95, p.25. Pela sua forma, podemos interpretar a agulheta com o símbolo feminino da vagina, lançado ao ombro e aos olhos dos clientes, pronto para ser completado pelas formas fâlicas.

¹⁹ Essa agulheta, na época, funcionava como um símbolo da mesma maneira que a roda dos judeus e a matraca dos leprosos, e permaneceu em uso até o começo do século XV. A agulheta não era o único símbolo

No Renascimento, o código de vestir das prostitutas perdera força, apesar das autoridades insistirem no uso de fitas vermelhas nas mangas, chapéus com cores contrastes entre outros. Tais símbolos passaram a ser utilizados mais ocasionalmente quando uma mulher era castigada publicamente por crime de prostituição, adultério e licenciosidade.

A valorização da prostituição durante a renascença ocorreu apenas nos países católicos. Aqueles que passavam pela reforma luterana condenavam e perseguiam as mundanas com uma intensidade nunca vista. As prostitutas eram então marcadas com ferro em partes visíveis do corpo, seus cabelos eram cortados e elas eram espancadas em lugares públicas como exemplo e símbolo da devassidão. Mas não deixavam de ser procuradas pelos homens, ainda crenes que deveriam descarregar seu excessivo desejo em lugar adequado.

Essa perseguição ao sexo teve certo intervalo nos demais países da igreja católica, entre os séculos XVII e XVIII. A licenciosidade sexual ganhara força com a aristocracia, enquanto que a burguesia adquiria seu espaço usando os ideais da castidade e da família. A tolerância sexual desses séculos culminou em uma onda de conservadorismo no século XIX. As prostitutas então são novamente perseguidas, mas não apenas como pecadoras, mas também como disseminadoras de todas as terríveis doenças da época, já que a higienização da família havia se tornado moda.

As prostitutas de rua do século XIX podiam ser identificadas pelas cores extravagantes dos vestidos, os rostos muito pintados e os decotes abundantes. Mas o que mais nos chama atenção nesse período são as saias dessas mulheres. Com *vestidos brilhantes e muito decotados, profusamente enfeitados com fitas e flores artificiais (...) curtos o bastante pra revelar barrigas da perna cobertas com meias cor-de-rosa ou brancas acima de botas de couro marroquino com brilhantes fivelas de latão.*²⁰ No relato do Dr. William Acton, as prostitutas tomavam de maneira muito elegante o lugar das jovens respeitáveis ao anoitecer: *Enquanto as moças respeitáveis vestidas de chita do fim da linha da respeitabilidade do leste lutavam para ganhar ninharias, o pôr-do-sol trazia do oeste trolés fretados repletos de imoralidade afetadamente modesta, vestidas de seda e belos linhos.*²¹

Vestidas de tafetás, sedas, cetins, veludos, com jóias reluzentes, cabelos primorosamente arrumados e sedutores. Os rostos pintados artificialmente, de uma maneira fugaz, etérea, como mais um disfarce de sua personalidade misteriosa e intocável de mulher objeto, ou seja, aquela que não se leva para casa, mas que se deseja no meio da noite. Uma boneca de sexualidade não definida tanto pelos médicos, psicólogos, como pelos próprios homens que usufruíam de seus serviços.

A prostituta foi recoberta com múltiplas imagens, que lhe atribuíram características de independência, liberdade e poder: figura da modernidade, passava a ser associada à extrema liberalização dos costumes nas sociedades civilizadas, à desconexão com os vínculos sociais tradicionais e à multiplicidade de novas práticas sexuais. Figura pública por excelência, podia comercializar o próprio corpo como desejava, dissociando prazer e amor, aventurando-se, através da livre troca pelo dinheiro, em viagens desconhecidas até mesmo para os homens dos países mais atrasados. Poderosa, simbolizava a investida dos instintos contra o

carregado pelas “profissionais do sexo”. Em 1389 em Toulouse, o rei Carlos VI consentiu após muitos pedidos que as prostitutas substituíssem a agulheta e um capuz com um cordão por uma orla fina, de cor diversa do vestido, presa aos cabelos e mangas.

²⁰ ROBERTS, Nickie. *Op cit.*, p 234.

²¹ *Ibidem*, p 235.

império da razão, a exemplo de Salomé, ameaça de subversão dos códigos de comportamento estabelecidos.²²

É essa descrição acima que torna a prostituta um objeto de estudo tão interessante. Mesmo tendo perdido seu glamour e sua função social por volta de 1960, com o advento da revolução sexual, da pílula, e do abandono da virgindade das últimas gerações, essa figura permanece no imaginário coletivo de uma maneira não resolvida, cheia de dúvidas e preconceitos de uma sociedade patriarcal, mas fascinante da mesma maneira.

De *vestidos justos, saias longas, entravées, cortadas ao lado, à altura do tornozelo*.²³ Seja nas janelas de suas casas, debruçada e com flores vermelhas a sorrir para os passantes, nos passeios, com sedas e véus franjados com belas rendas, capas e chapéus da moda, a prostituta do século XIX já não era obrigada a usar símbolos para serem identificadas, pois de maneira inconsciente, elas já haviam criado um código próprio²⁴. Se possuíssem dinheiro, vestiam-se da melhor e mais rica maneira possível. Seus meios de atração agora eram pequenos gestos de mão, uma virada de cabeça, um olhar impetuoso e seu suntuoso porte.

Nas rendas que fingiam esconder a pele macia... um sofisticado aparato de meias, ligas, calcinhas, rendas, sutiãs, laços, fitas, correntes, que se opõem como obstáculos a serem ultrapassados para que o freguês consiga atingir o corpo nu.²⁵

As prostitutas passaram a interpretar um papel, uma figura mítica, solene e sexualmente disponível. Não eram mais mulheres humanas vendendo seus corpos em um contrato sexual pré-estabelecido²⁶, ou a reencarnação terrena de uma divindade. Agora eram corpos vazios de personalidade e história. Existiam como a manifestação das fantasias masculinas de objetos de desejo e dominação, e não como mulheres.

É com esse ideal de mulher venosa, uma mistura de sereia, bicho e fantasma que passo a elaborar as representações pictóricas da prostituta. Munida de todo um aparato simbólico e visual dessa figura subversiva, elaboram-se imagens sedutoras e repulsivas ao olhar.

Na figura 02, intitulada *A Cortesã (a puta)*, formada por veludo vermelho, colocam-se alguns apetrechos de sedução das cortesãs em evidência, como a renda vermelha formando a vagina, de onde pendem pérolas e onde o clitóris é representado por um pingente de coração. O conteúdo afetivo fica evidente no primeiro momento, não apenas pelo coração afixado no local de mais prazer do corpo feminino, mas também pelo tule branco, amarrado por cabelos de boneca ruivos na forma de cortinas-tranças. Uma reminiscência de inocência infantil, como os contos de fada e a idealização da vida sexual de muitas jovens vitorianas ou contemporâneas.

Os sonhos e expectativas das jovens mulheres sobrepõem-se nessa peça por estarem visualmente postos sobre os símbolos sexuais/sedutores, como a renda que forma

²² RAGO, Margareth. *Os Prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p 37.

²³ Ibidem, p.55.

²⁴ *O espectro da prostituta: embora nem seja citada, paira constantemente a ameaça sobre a mulher de ser confundida com a "decaída" se usar uma roupa muito decotada, uma sai muito curta, se exhibir muitas jóias ou se se pintar exageradamente.* Ibidem, p 66.

²⁵ Ibidem, p 198.

²⁶ *Há uma troca voluntária entre a prostituta e o cliente, e o contrato de prostituição são exatamente como – ou é um exemplo de – o contrato de trabalho... a prostituição faz parte do exercício da lei do direito sexual masculino, uma das maneiras pelas quais os homens tem acesso garantido aos corpos das mulheres.* PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, pp. 282 e 285.

a vagina, as unhas postiças que se expandem da mesma e as pérolas pendentes, símbolos de uma pureza corrompida.

Essa peça foi a primeira de uma série sobre a mesma temática: arquétipos femininos, que desencadeou toda a pesquisa acima. Sua manufatura vem da tentativa de uma desestereotipação da figura da prostituta como objeto, um não-indivíduo. Nela, a prostituta seduz, atrai, mas também sugere emoções, afetos, memórias, como qualquer outra mulher que fosse representada.



[Fig. 02]

Fig. 02: TRIZOLI, Talita. *A Cortesã (a puta)*. Colagem e costura sobre veludo. 1,15 x 1,48 cm. 2005. Acervo pessoal da artista.



[Fig. 03]

Fig. 03: TRIZOLI, Talita. *Luxuriosa*. Colagem e costura sobre renda. 1,15 x 0,61 cm. 2005. Acervo pessoal da artista.

Na última imagem, intitulada *Luxuriosa*, existe uma inversão da representação sexual feminina. A saia de organza dourada, ao invés de esconder a camisinha recheada com cabelos de boneca, tem-na costurada sobre si, com uma composição de linhas douradas que lembra a anatomia do conjunto escrotal masculino.

E a representação dos pêlos pubianos femininos também é exteriorizada, pois se encontra contornando a parte superior da saia.²⁷

Já na figura 03, representa-se a faceta da *Femme Fatale*, com uma sexualidade perigosa, voraz e destruidora da civilização masculina. A saia/vagina engole o pênis, toma-o para si como um objeto de desejo, invertendo também o papel da mulher no imaginário sexual masculino. Temos então uma mulher aterrorizante, dona de si e de seu sexo exteriorizado sobre os símbolos de uma sedução tradicionalmente velada: a renda vermelha, as unhas postiças, os fios dourados das jóias.

²⁷ TRIZOLI, Talita. *Ser Feminina: Simbologia sexual da saia*. In: TUDO. FESTIVAL DE ARTE, 3., 07 à 11 de novembro de 2005, Uberlândia. ANAIS (CD-ROM). Uberlândia: DEART/UFU, 2005, p.09.